

A modificação gradual de predicados não-graduais

The degree modification of non-gradable predicates

Luisandro Mendes de Souza*

Renato Miguel Basso**

RESUMO: Neste texto, a partir da perspectiva referencial do estudo do significado linguístico, investigamos a combinação entre modificadores de graus (como *muito*) e alguns itens linguísticos não graduais, como adjetivos (*grávida*), nomes (*golpe*), pronomes e nomes próprios (*eu*, *João*). Nossa proposta é que as interpretações que temos dessa combinação são o resultado de uma mudança de tipo via coerção que transforma os itens não graduais em graduais. Com nossa proposta, é possível explicar as interpretações alcançadas – seja de “precisificação”, ênfase ou expressividade – através de um mecanismo linguístico, i.e., a mudança de tipos via coerção, independentemente motivado.

PALAVRAS-CHAVE: modificadores, adjetivos, graus, coerção, semântica

ABSTRACT: In this paper, from the view point of a referential approach to the study of linguistic meaning, we investigate the combination between degree modifiers (such as ‘*muito*’, *very*) and some non-gradual linguistic items, such as adjectives (‘*grávida*’, *pregnant*), nouns (‘*golpe*’, *coup*), pronouns and proper nouns (‘*eu*’, ‘*João*’, *I*, *João*). Our proposal is that the interpretations we have of this combination are the result of a type-shift via coercion that transforms non-gradual items into a gradual predicate. Our proposal explains the resulting interpretations – be it of “*precisification*”, emphasis or expressiveness – through a linguistic mechanism, i.e., type-shifting via coercion, that is independently motivated.

KEY-WORDS: modifiers, adjectives, degrees, coercion, semantics

1 Introdução

Na literatura sobre a adjetivos graduais e seus modificadores, é comum encontrarmos julgamentos de aceitabilidade como o que vemos em (1), que são

* Professor Adjunto no Departamento de Literatura e Linguística da Universidade Federal do Paraná. Mestre e Doutor em Teoria e Análise Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina. luisandro@ufpr.br. <http://orcid.org/0000-0002-4499-3820>

** Professor Associado na Universidade Federal de São Carlos. Mestre e Doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. rmbasso@ufscar.br. <https://orcid.org/0000-0003-2580-0365>

exemplos usados por Kennedy (1997, p. 1), em inglês. Os adjetivos que aparecem em (1) são não graduais, e, como podemos ver, a expectativa é que gerem sentenças ruins quando combinados com intensificadores (ou graduadores), como *very* e *quite*.

- (1) a. ??Giordano Bruno is very dead.
“Giordano Bruno está muito morto.”
b. ??I want the new spacecraft to be quite octagonal.
“Eu quero que a nova espaçonave seja muito octogonal.”

Kennedy (1997), a partir de Klein (1980: 6), define adjetivos graduais como aqueles que podem aparecer na posição de predicado e que podem ser modificados por *very* ou *fairly*, no plano sintático, como em (2); e no plano semântico, como predicados que denotam domínios que organizam seus membros ao longo de uma propriedade que pode ser graduada.

- (2) a. John is very tall.
“João é muito alto.”
b. John is fairly happy.
“João é razoavelmente feliz.”

Contudo, Kennedy (1997, p. 2) também nota que adjetivos não graduais podem ser modificados por graduadores com leitura de ironia ou humor, o que para ele indica que esses adjetivos podem ser forçados a ter interpretações graduais, uma afirmação bastante recorrente na literatura sobre o tema: “Tais usos indicam que (pelo menos alguns) adjetivos não graduais podem ser coagidos a ter interpretações graduais em contextos que de outra forma são incompatíveis com seus significados canônicos.” [ênfase nossa]¹

Esse tipo de julgamento é replicado na literatura especializada em português (MARTINHO, 2007; SOUZA, 2019), e também por gramáticos. Por

¹ “Such uses indicate that (at least some) non-gradable adjectives can be **coerced** into having gradable interpretations in contexts that are otherwise incompatible with their canonical meanings.”

exemplo, Cunha e Cintra (1985: 275) trazem exemplos de adjetivos que não podem ser “flexionados em grau”, por terem um “sentido específico, unívoco”. Os exemplos dados são *atmosférico, morfológico, ovíparo, ruminante* e *sincrônico*. Para receber graus comparativo e superlativo, os autores esclarecem que o sentido do adjetivo deve admitir “variação de intensidade”.

Um dos nossos objetivos deste artigo é tentar delimitar, dentro da perspectiva da Semântica Formal, que interpretação adjetivos não graduais podem receber via coerção no português brasileiro. Afinal, é comum encontrarmos exemplos de uso de *muito* e de termos coloquiais (tabuísticos ou não) como *pra caramba* e *pra caralho* modificando adjetivos não graduais (3) e outras expressões que não são graduais (ou não tratadas como graduais), entre elas substantivos comuns (4) ou pronomes e nomes próprios (5).

- (3) a. A Maria tá muito grávida.
b. Esse vestido é muito vermelho.
c. Ele é muito brasileiro.
d. Senhoras bastante desquitadas (Rubem Braga, Coração de Mãe, 200 crônicas escolhidas)
- (4) a. Tá muito sol.
b. Foi gol pra burro!
- (5) a. Isso é muito o João.
b. Tem muito do João nesse trabalho.
c. Essa roupa sou eu pra caralho.

Notem, então, que estamos diante da seguinte situação. A combinação de modificadores de grau com predicados não graduais gera sentenças agramaticais. Contudo, em alguns casos, a modificação é possível. Portanto, precisamos de mecanismos formais para dar conta da interpretação desse tipo de sentença, apresentando com mais cuidado qual é a proposição que é expressa nesses casos.

Além disso, podemos nos perguntar, admitindo que a distinção entre adjetivos graduais e não graduais é relevante gramaticalmente, que operação semântica é essa que permite modificar predicados que não poderiam (ou deveriam) ser modificados. Assim, a operação que aparece como candidata

natural em casos desse tipo é a coerção, que é uma operação semântica que afeta propriedades de uma expressão linguística e muda sua interpretação típica (cf. de SWART, 2011 e referências lá citadas, e também BASSO, 2008 para uma exploração dessa manobra em semântica).

Partindo desses pressupostos, vamos discutir brevemente o que se entende por adjetivos graduais e não graduais na seção 1. Feito isso, na seção seguinte, vamos discutir se as interpretações atestadas para adjetivos graduais são aquelas que vemos com os casos de modificação gradual sobre predicados não graduais, ou se estamos diante de interpretações diferentes. Por fim, tentaremos explicar essas interpretações dentro de uma semântica referencial.

2. Adjetivos graduais e não graduais

Como dissemos na introdução, a divisão dos adjetivos entre graduais e não graduais é relativamente bem estabelecida na literatura. Os adjetivos graduais são aqueles passíveis de receber os tradicionais graus do adjetivo, enquanto os não graduais, não. Além disso, uma propriedade importante é a chamada “polaridade”: adjetivos graduais costumam aparecer em pares, como *alto/magro*, *perto/longe*, *raso/profundo*, enquanto os não graduais não possuem opostos, como os adjetivos de cores (*azul*, *amarelo*, *vermelho* etc.) e os pátrios (*brasileiro*, *americano*, *finlandês* etc.), por exemplo. Dessa propriedade decorre que eles são predicados que denotam domínios organizados em função de uma escala de medição: *alto/baixo* são dois polos da escala de altura, *perto/longe* são dois polos na escala de distância e assim por diante. Por sua vez, adjetivos não graduais não denotam domínios organizados ao longo de uma dimensão. Tanto abordagens graduais típicas (von STECHOW, 1984; KENNEDY, 1997; BECK, 2011; QUADROS-GOMES, 2011), quanto abordagens baseadas em delimitação (KLEIN, 1980; BURNETT, 2014) assumem essa distinção e propõem alguma formalização para capturá-la.

Contudo, um olhar mais atento aos dados demonstra que não podemos simplesmente assumir que todos os adjetivos que apresentam opostos sejam graduais. Cruse (1986) compara duas classes de opostos, os contrários e os

antônimos graduais (os “verdadeiros antônimos”). Exemplos típicos de contrários são *vivo/morto*, *verdadeiro/falso* e *aberto/fechado*. Tipicamente, a afirmação de um acarreta a negação de outro e vice-versa.

- (6) a. X está vivo. → X não está morto.
b. A sentença S é verdadeira. → A sentença S não é falsa.

Cruse (1986, p. 203) afirma ainda que, comumente, os contrários não são graduáveis. Mas, em alguns pares, um dos membros parece ser mais passível de gradação que outros; os exemplos trazidos pelo autor estão abaixo em (7) e (8). Note que no caso de *dead/alive*, *alive* ‘vivo’ não aparenta ter problema em ser modificado por graduadores; o mesmo sucede com *shut/open* ‘fechado/aberto’, em que *open* é modificado sem qualquer estranhamento. Em (7’) e (8’) apresentamos versões dos exemplos em português brasileiro, que mostram que há alguma sobreposição de julgamentos, mas também que línguas diferentes têm conjuntos diferentes de predicados graduais e não graduais, ou seja, o que é considerado gradual numa língua não necessariamente será considerado não gradual em outra e *vice-versa*.

- (7) a. ?very dead, ?moderately dead, ?deader than before
b. very alive, moderately alive, more alive than before
(7’) a. ?muito morto, ?moderadamente morto, ?mais morto do que antes
b. muito vivo, moderadamente vivo, mais vivo do que antes.
(8) a. (tight shut), ?slightly shut, moderately shut, ?more shut than before
b. wide open, slightly open, moderately open, more open than before
(8’) a. (bem fechado), ligeiramente fechado, moderadamente fechado, mais fechado do que antes
b. bem aberto, ligeiramente aberto, moderadamente aberto, mais aberto do que antes.

Além desses, teríamos também exemplos de adjetivos que são claramente contrários, caso de *limpo/sujo* e *perigoso/seguro*, mas que são graduais. A partir dos trabalhos de Rotstein e Winter (2004) e Kennedy e McNally (2005),

entendemos hoje que esses adjetivos formam um subgrupo dos graduais – chamados de “totais” na nomenclatura dos primeiros, e “absolutos” na terminologia destes, o termo que parece ter sido adotado pela literatura que seguiu.

- (9) a. moderately clean, very clean, fairly clean, cleaner
b. slightly dirty, quite dirty, fairly dirty, dirtier
- (9') a. moderadamente limpo, muito limpo, razoavelmente limpo, mais limpo
b. ligeiramente sujo, muito sujo, razoavelmente sujo, mais sujo
- (10) a. moderately safe, very safe, fairly safe, safer
b. slightly dangerous, quite dangerous, fairly dangerous, more dangerous
- (10') a. moderadamente seguro, muito seguro, razoavelmente seguro, mais seguro
b. ligeiramente perigoso, muito perigoso, razoavelmente perigoso, mais perigoso

Por sua vez, os antônimos graduais compartilham um conjunto de características que podemos reorganizar da seguinte forma, seguindo de perto a proposta de Cruse (1986, p. 204):

- i) Denotam perspectivas complementares ao longo de uma dimensão graduável, como altura, distância, peso, velocidade etc.
- ii) Na intensificação, os membros do par se movem em direção oposta: *muito pesado* e *muito leve* são posições distantes na escala de peso.
- iii) Os pares não dividem o domínio em dois conjuntos, pois em algumas situações podemos supor que há indivíduos no domínio de uma dimensão que não podem ser descritos por nenhum dos termos (estariam nas chamadas lacunas extensionais). E.g.: suponha que um indivíduo x não possa ser descrito nem como *alto* nem como *baixo*.

Outro autor a apontar casos de adjetivos que parecem não se situar claramente numa ou noutra classe é Bierwisch (1989). Ele cita, por exemplo, o

caso do alemão *wiebllich* ‘fêmea/feminino’, que deveria ser não gradual, mas cuja modificação gradual é possível:

- (11) a. sehr wiebllich
 ‘muito feminina’
 b. Sie ist viel weiblicher geworden.
 ‘ela se tornou muito mais feminina’

De modo mais relacionado a este trabalho, ele se pergunta que processo poderia tornar adjetivos não graduais em graduais, mas não aprofunda a questão.

Em resumo, mesmo com alguns problemas na classificação, adjetivos graduais (ou predicados graduais) denotam domínios organizados ao longo de uma escala. Nesse sentido, o papel semântico de um graduador, ou de um intensificador, é manipular a posição de uma dada entidade na escala fornecida pelo predicado. Exemplificando, enquanto (12a) declara vagamente que João está na extensão positiva do predicado alto ou que está acima do padrão contextual/discursivo do que se considera ‘alto’, no caso de (12b), para que a sentença seja verdadeira, o padrão precisa ser alçado: *muito alto* é mais alto que simplesmente *alto*. O mesmo vale para (12c): *pra caramba* requer um padrão ainda mais alto do que aquele necessário para que alguém seja *muito alto*. Note que (12c) acarreta (12b), e (12b) acarreta (12a), mas o oposto não é o caso. Por sua vez, o exemplo (13) ilustra que o mesmo comportamento se dá com outros tipos de predicados, como um predicado nominal: (13a) declara vagamente que João comeu pizza, a quantidade é indefinida; por sua vez, (13b) afirma que essa quantidade é “muito”; enquanto que em (13c) essa quantidade é maior do que “muito”.

- (12) a. João é alto.
 b. João é muito alto.
 c. João é alto pra caramba.
(13) a. João comeu pizza.
 b. João comeu muita pizza.
 c. João comeu pizza pra caramba.

Ou seja, assumamos que o papel semântico típico dos intensificadores seja manipular a posição do padrão na escala dada pelo adjetivo; no caso da modificação nominal, seu papel seria então quantificar sobre a quantidade de indivíduos ou sobre o volume de massa (ou qualquer outra escala relevante fornecida pelo nominal) no domínio e a relacionar essa quantidade com um valor padrão mais elevado.

Veremos na próxima seção que não é sempre essa a interpretação que surge quando predicados de outras naturezas ou expressões não predicativas são modificados por intensificadores.

3. A interpretação da modificação gradual de predicados não graduais

Retomando aqui um caso exemplar de cada tipo para uma discussão mais detida, vimos na introdução que *muito* e *pra caramba* podem modificar pelo menos três tipos diferentes de expressões não graduais: adjetivos não graduais (14), nomes próprios (15) e pronomes pessoais (16).

(14) A Maria tá muito **grávida**.²

(15) Isso é muito o **João**.

(16) Essa roupa sou **eu** pra caramba.

Sanchez-Mendes (2021) aponta que há dois tipos de interpretação nesses casos. (17) parafraseia a chamada leitura de ênfase, indicando que o falante está, de algum modo, impressionado com o fato de Maria estar grávida. Para a autora, essa modificação, então, não contribui para a dimensão veri-condicional, apenas na dimensão expressiva do significado.

(17) A Maria está mesmo/de fato grávida.

² Há também quem veja nessa sentença uma interpretação temporal, cuja paráfrase seria algo como “Maria está há muito tempo grávida”.

Assumindo uma semântica bidimensional (POTTS, 2007; GUTZMANN, 2013; entre outros), o conteúdo de (17) pode ser delimitado da seguinte forma: em (18a), temos o conteúdo descritivo, a proposição que determina as condições de verdade da sentença (17); ao passo que em (18b) temos o conteúdo expressivo, que veicula (entre outras coisas) algum tipo de envolvimento subjetivo e emocional do falante sobre o conteúdo descritivo, e determina quais são as condições de uso discursivo adequado (ou condições de felicidade, pois estamos diante de uma espécie de “ato de fala” especial).

(18a) Condições de verdade: Maria está grávida.

(18b) Condições de uso: o falante tem alto grau de certeza na gravidez da Maria.

Considerando um outro caso interessante, a modificação de nomes comuns em posição predicativa, Sanchez-Mendes (2021) assume que *muito*, em (19), tem duas leituras. Na leitura de precisificação, assumindo a proposta de Morzycki (2011), *muito* atua sobre a entidade da qual se predica que foi *golpe* e torna esse predicado “mais preciso”, como parafraseado em (20). Na outra leitura, ela assume que estamos diante de um modificador apenas expressivo, semelhante ao que vimos para (17), e que pode ser parafraseado como em (21).

(19) Foi muito golpe.

(20) Foi precisamente um golpe.

(21) Foi de fato/realmente um golpe.

Na proposta de Sanchez-Mendes (2021), *muito* produz três leituras diferentes: a) intensificador típico; b) precisificador; c) expressivo enfático. Ela propõe que *muito* tem um significado básico, e o que muda em cada leitura é a escala que cada expressão provê. Veremos na próxima seção que não precisaremos de um operador de precisificação e que essa leitura surgirá como efeito natural da nossa proposta.

Caso similar é o do sufixo superlativo *-íssimo* no italiano, como defendem Beltrama e Bochnak (2015). Esse morfema pode se combinar com adjetivos graduais (22), no uso gradual, e com adjetivos não graduais (23). No primeiro

caso, temos a interpretação esperada para adjetivos graduais – o intensificador alça o padrão de altura. Já nos casos em (23) a interpretação é diferente. Para os autores, o morfema reforça o significado da expressão que o sufixo superlativo modifica. *Subitissimo*, em (23a), reduziria o alcance de tolerância que uma vagueza inerente (ou o “halo pragmático”, nos termos de Lasersohn, 1999) de *subito* nos permite. No caso (23b), como fumar já é proibido, é como se a modificação acrescentasse que não há exceções. Além disso, a modificação em (23b) acrescenta envolvimento expressivo do falante.

(22) La torre è alt-issima.

“A torre é altíssima.”

(23) a. Serve un governo subit-issimo.

“Precisamos de um governo agora mesmo.”

b. Fumare dal benzinaio è proibit-issimo.

“Fumar no posto de gasolina é proibidíssimo.”

Esses autores não tocam num dos casos que nos interessa, o da modificação de nomes próprios e pronomes pessoais. Retomemos nossos exemplos relevantes abaixo. Intuitivamente, (24) é verdadeira se a referência do pronome *isso* for uma entidade que exhibe muitas propriedades em comum com João, e (25) tem leitura similar – a roupa apontada na situação tem muitas características em comum com o falante, ou que o falante gosta ou que o representem de alguma forma.

(24) Isso é muito o João.

(25) Essa roupa sou eu pra caramba.

Assim, estamos diante de uma leitura não apontada por trabalhos prévios para a combinação de intensificadores como *muito* e *pra caramba* com expressões não graduais. Notamos que, em comum com seu uso típico, temos a relação com um valor contextual. E se esse significado estiver presente nos usos prévios? Podemos supor, então, que (19) seja analisada de modo similar, e que uma paráfrase mais adequada seria “a situação referida apresenta muitas

características de um golpe” e não uma leitura de precisificação, como sugerido por Sanchez-Mendes (2021).

Na próxima seção, proporemos uma análise semântica mais precisa para essas leituras. Vamos assumir que estamos diante de um caso de incompatibilidade de tipos, que altera via coerção a denotação do termo modificado, o intensionalizando, isto é, *muito* e *pra caramba* passam a modificar não a extensão do termo, mas a sua intensão.

4. Um caso de coerção?

Na semântica formal, a denotação dos elementos linguísticos é feita usando-se uma metalinguagem lógica, que além de nos oferecer uma definição precisa dos termos linguísticos também permite que expressemos formalmente a propriedade da composicionalidade. Adotando uma ontologia montagueana básica para entidades, de tipo *e*, e para valores de verdade, de tipo *t*, podemos definir combinações entre entidades referenciais, de tipo *e*, e predicados simples, de tipo $\langle et \rangle$, isto é, funções de entidades a valores de verdade.

Vejamos a construção de um modelo básico para uma sentença simples como temos em (26). Entre colchetes duplos está a linguagem objeto e associada a ela está a sua interpretação, entre aspas duplas no caso da sentença, e em negrito, no caso das entradas lexicais. A derivação explícita como essas entradas guiam a derivação.

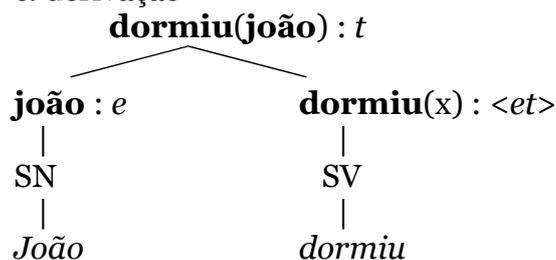
(26) $\llbracket \text{João dormiu} \rrbracket = 1$ se e somente se “João dormiu”

Entradas lexicais:

a. $\llbracket \text{João} \rrbracket = \mathbf{joão} : e$

b. $\llbracket \text{dormiu} \rrbracket = \mathbf{dormiu}(x) : \langle et \rangle$

c. derivação



Esse tipo de semântica é também chamado de semântica de modelos porque ele nos permite criar modelos formais para a interpretação de elementos linguísticos. Dentro dessa abordagem, só serão interpretados elementos cuja interpretação é prevista no modelo, via entradas lexicais e regras de combinação. Por exemplo, a regra básica de aplicação funcional combina recursivamente dois nós sintáticos, desde que o “sistema” entenda que estamos diante de um nó em que um de seus ramos é uma função e o outro um argumento (dessa função). É o caso de uma estrutura simples como (26). *João* é uma entidade de tipo *e*, *dormiu* é uma função de tipo $\langle et \rangle$. Portanto, a partir das entradas lexicais desses elementos, dizemos que a interpretação é guiada pelos tipos e proporcionada pelo modelo formalmente assim construído. A entidade de tipo *t* representa uma proposição, que pode ser confrontada com o modelo formal do mundo para que possamos lhe atribuir um valor de verdade.

As coisas ficam interessantes quando nos deparamos com estruturas que parecem violar as regras combinatórias. Quando estamos diante de uma incompatibilidade de tipos, a sentença simplesmente é agramatical, ou não interpretável dentro do modelo (cf. HEIM; KRAZTER, 1998).

Algumas vezes os tipos podem ser adequados, mas a interpretação pode mesmo assim não ser possível. Normalmente esses casos são tratados como anomalias. Em (27) não há nenhum problema sintático, *a manhã* é um SN, mas que denota um tipo de entidade que não é comestível. Podemos assumir que estamos diante da violação de algum pressuposto ou restrição que *comer* impõe ao seu argumento objeto direito que será interpretado como paciente.

(27) #Ana comeu a manhã.

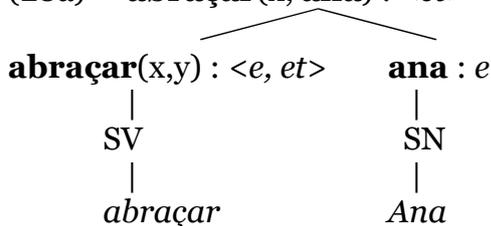
Vamos deixar de lado a discussão de mecanismos pragmáticos que eventualmente “salvem” estruturas como essas³. Aqui, nos interessa o fato de que algumas incompatibilidades podem ser “salvas” por processos semânticos:

³ Seja via mecanismos griceanos (GRICE, 1982[1967]) ou de relevância (SPERBER; WILSON, 1996), pois nos parece que não estamos diante de um caso de reanálise pragmática ou implicatura.

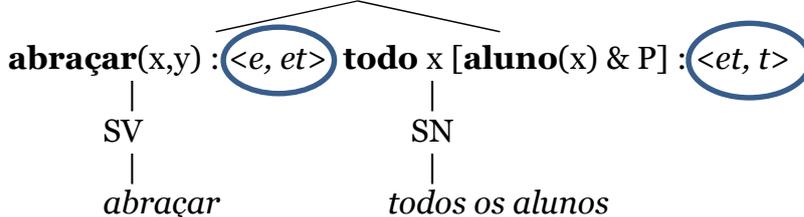
podemos alçar os tipos ou mudá-los. Claro, desde que o nosso modelo preveja quando isso pode acontecer.

Uma mudança de tipo via alçamento ocorre quando numa ramificação há o encontro de dois tipos aparentemente incompatíveis. Na expressão *abraçar Ana* (28a), o verbo é uma função de tipo $\langle e, \langle e, t \rangle \rangle$. Isto quer dizer que seu primeiro argumento é de tipo e ; já na expressão *abraçar todos os alunos* (28b), o complemento *todos os alunos* não é referencial, não é de tipo e . Quantificadores generalizados como esse são analisados como funções de tipo $\langle \langle et \rangle, t \rangle$. As derivações abaixo ilustram essa questão.

(28a) **abraçar(x, ana) : $\langle et \rangle$**



(28b) * incompatibilidade de tipos



A solução mais comum para lidar com casos como os de (28b) é alçar o quantificador, criando as condições combinatoriais necessárias para a interpretação – alçamento deixa no seu lugar uma variável de tipo e . Uma outra alternativa seria modificar o tipo de *abraçar*. Ele seria, assim, composicionalmente ambíguo, podendo se combinar com entidades ou quantificadores. Mas nesses casos estamos diante de mudanças de tipo que não afetam a interpretação dos termos.

Um exemplo de mudança de tipo que também busca explicar mudanças interpretativas (isto é, com consequências veri-condicionais) é a proposta de mudança na denotação dos nomes comuns, que podem “transitar”, por assim dizer, entre uma interpretação como nomes massivos (*nessa salada tem*

camarão) ou nomes contáveis (*João colocou três camarões na salada*), além de poderem funcionar como predicados de espécie (*camarão é a barata do mar*). Chierchia (1998) assume que essas mudanças se dão via mecanismos de mudança de tipo. Inspirado nas ideias de Frege, para ele propriedades (conjuntos de indivíduos) podem ser transformadas em indivíduos, isto é, os predicados de espécie, os “kinds”.

Para dar mais um exemplo, um caso bastante conhecido de coerção no domínio do tempo e aspecto são as mudanças de classe acional disparada pela combinação de diferentes elementos, como o tempo e os argumentos dos predicados verbais. A classe acional (estados, atividades, *accomplishments*, *achievements* etc.) de um predicado é determinada, em muitas línguas, pela combinação do predicado com seu argumento. Por exemplo, *leu uma página* é um *accomplishment*, enquanto *leu gibis a tarde toda* é uma atividade. A leitura aspectual da sentença (ou do predicado, como perfectivo, imperfectivo, genérico, habitual, progressivo, iterativo etc.), chamada também de aspecto gramatical, envolve a combinação do verbo com seus argumentos e com o tempo verbal. *Crianças correm o tempo todo*, é uma sentença genérica; enquanto, *João corre três vezes por semana* é uma sentença com leitura habitual.

Adaptando exemplos de de Swart (2011, p. 583), assume-se que predicados de estado não se combinam usualmente com morfologia progressiva (29), contudo vemos exemplos em que essa combinação é possível (30) (cf. BASSO; ILARI, 2004).

- (29) a. *Beto está estando doente.
b. *Júlia está tendo olhos azuis.
- (30) a. Ele está acreditando em todas as palavras dela.
b. Beto está sendo um chato de galochas.

A explicação para esse contraste envolve a assunção de um mecanismo de mudança de eventualidade. A combinação só é gramaticalmente possível porque o predicado de estado se transforma, por coerção, num predicado dinâmico. Isto é, formalmente, convertemos um predicado de estado num predicado de eventos,

o que o torna disponível para ser modificado pelo operador aspectual denotado pelo progressivo.

Assumamos, portanto, que a sugestão de Kennedy (1997) está no caminho correto: a intensificação de predicados não graduais envolve coerção, ou seja, para poderem ser modificados por intensificadores predicados não graduais devem passar a ser graduais. Vimos que há três exemplos básicos de leituras com esse tipo de combinação: “precisificação”, ênfase e expressividade. Assumamos também que a mudança de tipo, no caso, a intensionalização do predicado, se dá por incompatibilidade de tipos. Os intensificadores são funções que tomam como argumento um predicado de tipo $\langle d, et \rangle$ ou similar, e requerem como pressuposto que esse domínio seja organizado em alguma escala. Mas converter predicados de tipo $\langle et \rangle$ apenas em predicados de tipo $\langle d, et \rangle$, nos parece, não fornece imediatamente as leituras desejadas. Vimos que nos predicados graduais clássicos essa formalização da função quer capturar a intuição de que esses predicados organizam os indivíduos ao longo de uma dimensão. A diferença em relação aos predicados coagidos a se tornarem graduais é que estamos “comparando”, por assim dizer, características da propriedade, não indivíduos ao longo de uma dimensão.

Nossa proposta é que a coerção disparada pela incompatibilidade entre intensificadores e predicados não escalares resulta numa interpretação que chamaremos de “caract”, e que tem a ver com as características normalmente atribuídas ao predicado, ao nome comum ou ao nome próprio. *Grosso modo*, a ideia é que essas características resultem num conjunto de propriedades sobre as quais podemos aplicar modificadores como *muito*, *bastante*, *pouco* ou *pra caramba*. Assim, *grávida* em *muito grávida* é interpretado como o conjunto de características de quem está grávida, e o que *muito* faz é dizer que nesse conjunto, para o referente em questão, há mais propriedades do que costumamos encontrar. De modo semelhante, em *muito golpe*, a coerção faz com que interpretemos *golpe* como o conjunto de características que um golpe apresenta, e a combinação com *muito* indica que o evento em questão apresenta mais características do que é comumente o caso; sendo assim, a interpretação de “precisificação” é um resultado natural: se o evento x apresenta mais características do que é comum um golpe apresentar, então ele é certamente um

golpe. Por fim, para nomes próprios, o resultado da coerção é o conjunto de características que associamos ao indivíduo que carrega esse nome, de modo que predicamos sobre alguma entidade que ela apresenta mais características em comum com aquele indivíduo do que é normalmente esperado, e é assim que interpretamos sentenças como “Essa roupa é muito o João”.

Abaixo, apresentamos de um modo semi-formalizado a análise por trás dessa proposta:

(31) a. modificador + adjetivo não gradual

muito grávida =

grávida(x) : <et> =>

$\mu(\text{caract}(\text{grávida}(x)) \text{ em } w) = d \ \& \ d \geq d_s : \langle s, \text{det} \rangle$

“muitas características de estar grávida”

b. modificador + nome comum

muito golpe

golpe(x) : <et> =>

$\mu(\text{caract}(\text{golpe}(x)) \text{ em } w) = d \ \& \ d \geq d_s : \langle s, \text{et} \rangle$

= “muitas características de um golpe”

c. modificador + pronome pessoal/nome próprio

muito eu, muito o João =>

eu/joão : e =>

$\mu(\text{caract}(\text{falante/joão}(x)) \text{ em } w) = d \ \& \ d \geq d_s : \langle s, \text{de} \rangle$

“muitas características do falante/de João”

Simplificadamente, a coerção é um processo que seria disparado sempre que temos a combinação de dois elementos que produzem incompatibilidade de tipos. Como é um processo de aplicação relativamente livre, as restrições à sua aplicação podem ser aquelas sugeridas por Pustejovski (1995, citado por DE SWART, 2011). Em essência, essas restrições são de natureza lexical e contextual, com resultados previsíveis. Nos casos que investigamos, as interpretações de

“precisificação”, ênfase e expressividade são as interpretações às quais a mudança de tipo proposta aqui nos leva.

Considerações Finais

Vimos que a divisão bem assentada na literatura entre adjetivos graduais e não graduais não é isenta de ponderações. Contudo, há uma diferença gramatical nítida entre essas classes de expressões. Adjetivos graduais costumam vir em pares de antônimos graduais e são dependentes de contexto; enquanto os adjetivos não graduais não costumam vir em pares de antônimos e o julgamento sobre o valor de verdade de uma sentença da forma *x é adjetivo não gradual* não depende de elementos contextuais. Assumindo essa distinção, vemos ainda que há uma classe de modificadores que se combinam preferencialmente com adjetivos graduais e outras expressões que também aparentam algum tipo de graduação. Os modificadores graduais operam na escala que os adjetivos graduais denotam, manipulando o padrão para cima (intensificadores) ou para baixo (atenuadores ou minimizadores). Vimos também que a combinação de modificadores dessa classe com expressões que não denotam domínios organizados gera algumas leituras especiais, algumas já discutidas na literatura, e uma em particular trazida por nós, que é a modificação de nomes próprios e pronomes pessoais.

Após discutirmos como esse aspecto é importante, dentro de uma perspectiva formal do significado, argumentamos a favor de uma abordagem em termos de coerção, disparada por incompatibilidade de tipos semânticos. Esse tipo de mudança de tipos semânticos não é algo heterodoxo no campo, e é amplamente usado para se tratar de mudanças de interpretação de nomes comuns (de massivo para contável, ou de contável para espécie) e de classe acional no domínio verbal (de *accomplishment* para atividade, ou de estado para atividade).

Esperamos que, com nossa análise, possamos dar conta das diferentes interpretações de intensificadores e atenuadores sem considerar ambiguidades

ou pluralidades de denotação, mas com um mecanismo, i.e., a coerção de tipos, que é independentemente motivado.

Referências

- BASSO, Renato Miguel. Coerção e detelicização: a psicolingüística e os fenômenos tempo-aspectuais. *ReVEL* Vol. 6, n. 11, agosto de 2008. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].
- BASSO, Renato Miguel; ILARI, Rodolfo. Estativos e suas características. *Revista Brasileira de Lingüística Aplicada*. v. 4, nº. 1, 2004.
- BECK, Sigrid. Comparison constructions. In: HEUSINGER, K.; MAIENBORN, C.; PORTNER, P. (Orgs.). *Semantics: an international handbook of natural language meaning*. Vol. 2. Berlin, Boston: De Gruyter, 2011, p. 1341–1390.
- BELTRAMA, Andrea; BOCHNAK, Ryan. Intensification without degrees cross-linguistically. *Natural Language & Linguistic Theory*, v. 33, n. 3, p. 843–879, 2015. Disponível em: <<http://link.springer.com/10.1007/s11049-015-9294-8>>. Acesso em: 12 set. 2022.
- BIERWISCH, Manfred. The Semantics of Gradation. In: *Dimensional Adjectives*. Berlin: Springer-Verlag, 1989, p. 71–261.
- BURNETT, Heather. A Delineation solution to the puzzles of absolute adjectives. *Linguistics and Philosophy*, v. 37, n. 1, p. 1–39, 2014. Disponível em: <<http://link.springer.com/10.1007/s10988-014-9145-9>>. Acesso em: 18 set. 2020.
- CHIERCHIA, Gennaro. Reference to Kinds across Language. *Natural Language Semantics*, v. 6, n. 4, p. 339–405, 1998. Disponível em: <<https://doi.org/10.1023/A:1008324218506>>. Acesso em: 12 set. 2022.
- CRUSE, David. *Lexical Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- CUNHA, Celso.; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010. (Obras de referência).
- GRICE, Herbert Paul. Lógica e conversação. In: DASCAL, M. (Org.). *Fundamentos metodológicos da linguística: pragmática*. Campinas, SP: Edição do Autor, 1982.
- GUTZMANN, Daniel. Expressives and beyond. In: *Beyond Expressives. Explorations in Use-Conditional Meaning*. Leiden: Brill, 2013, p. 1–58.

HEIM, Irene; KRATZER, Angelika. *Semantics in Generative Grammar*. Oxford: Blackwell, 1998.

KENNEDY, Christopher. *Projecting the Adjective: The syntax and semantics of gradability and comparison*. UCSC, Santa Cruz, 1997.

KENNEDY, Christopher.; MCNALLY, Louise. Scale structure, degree modification, and the semantics of gradable predicates. *Language*, v. 81, n. 2, p. 345–381, 2005.

KLEIN, Ewan. A semantics for positive and comparative adjectives. *Linguistics and Philosophy*, v. 4, n. 1, p. 1–45, 1980. Disponível em: <<https://doi.org/10.1007/BF00351812>>. Acesso em: 11 set. 2020.

LASERSOHN, Peter. Pragmatic Halos. *Language*, v. 75, n. 3, p. 522, 1999.

MARTINHO, Fernando Jorge dos Santos. *Sintaxe e semântica dos adjetivos graduáveis em português*. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade de Aveiro, Aveiro, 2007.

MORZYCKI, Marcin. Metalinguistic comparison in an alternative semantics for imprecision. *Natural Language Semantics* 19(1), 39–86, 2011.

POTTS, Christopher. The expressive dimension. *Theoretical Linguistics*, v. 33, n. 2, p. 165–198, 2007.

QUADROS-GOMES, Ana Paula. Adjetivos de grau no PB. *Anais do SILEL*, v. 2, n. 2, p. 1–9, 2011.

SPERBER, Deirdre; WILSON, Dan. *Relevance: communication and cognition*. Oxford; Cambridge, MA: Blackwell Publishers, 1996.

ROTSTEIN, Carmen.; WINTER, Yoad. Total Adjectives vs. Partial Adjectives: Scale Structure and Higher-Order Modifiers. *Natural Language Semantics*, v. 12, n. 3, p. 259–288, 2004. Disponível em: <<https://doi.org/10.1023/B:NALS.0000034517.56898.9a>>. Acesso em: 11 set. 2020.

SANCHEZ-MENDES, Luciana. Flavors of intensity: the case of ‘muito’ in Brazilian Portuguese. Comunicação apresentada no *13th Workshop on Formal Linguistics*, Universidade de Brasília, 14-17, dez 2021.

SOUZA, Luisandro Mendes de. Locuções graduadoras coloquiais. *Letrônica*, v. 12, n. 2, p. e32138–e32138, 2019. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/32138>>. Acesso em: 27 jan. 2021.

von STECHOW, Armin. Comparing semantic theories of comparison. *Journal of Semantics*, v. 3, n. 1-2, p. 1-77, 1984. Disponível em: <<https://academic.oup.com/jos/article/3/1-2/1/1629681>>. Acesso em: 11 set. 2020.

de SWART, Henriette. Mismatches and coercion. In: MAIENBORN, C.; HEUSINGER, K.; PORTNER, P. (Orgs.). *Semantics: an international handbook of natural language meaning*. Berlin, Boston: DE GRUYTER MOUTON, 2011. p. 574-596.